
Representação da loucura e gênero na série *Spin Out*: Análise de Imagens em Movimento e entrevista com profissionais de saúde mental¹

Laila Jesus SANTOS²

Renata Barreto MALTA³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender como acontecem as representações de loucura e gênero nas narrativas seriadas. Para isso, analisamos a série *Spin Out* na proposta de responder: o modo como a ficção televisiva seriada expõe os sintomas e as características do Transtorno Afetivo Bipolar nas mulheres reproduz estereótipos potencialmente problemáticos? Foi usada como metodologia a Análise de Imagens em Movimento, apoiando-a em conceitos de estudiosos como Lagarde y De Los Rios, Foucault e Maoski. Como resultados, notamos dissonâncias representativas que podem impactar negativamente o imaginário popular sobre saúde mental em mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção seriada; Gênero; Representação; Transtorno afetivo bipolar; Análise da Imagem em Movimento.

CORPO DO TEXTO

1. INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, numa passagem à primeira vista inocente do conto *A Mensagem*, escreve que sua protagonista “volta e meia, era uma mulher”. A sugestão de que a condição de ser mulher é quase corriqueira, ou que acontece com certa frequência, em momentos e situações específicas, pressupõe a existência de uma eventualidade, ou melhor, uma deliberação na performance de gêneros. Relembramos essa frase simbólica para reforçar que representações de gênero são construídas, e as diferentes formas como elas são retratadas na mídia interferem na forma como os estereótipos de gênero, que inferiorizam e limitam social e politicamente as mulheres, chegam até os diferentes públicos. Tendo em vista a importância dos debates acerca de gênero e representação na

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, no 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. Graduada no curso de Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Sergipe. Brasil: lailajesus0708@gmail.com

³ Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social e Vice-coordenadora do PPGCOM da Universidade Federal de Sergipe. Brasil: renatamaltarm@gmail.com

atualidade, propomos com o presente estudo observar as representações de gênero dentro do contexto das representações de loucura na série canadense *Spin Out*.

Compreendemos que os debates em saúde mental, embora tenham protagonizado uma série considerável de conteúdos audiovisuais nos últimos anos - como exemplo, as produções *Por Lugares Incríveis*, *Palavras Na Parede do Banheiro* e a própria série analisada neste estudo, *Spin Out* - ainda são escassos em valor didático e representativo. Quando trazemos à luz o marcador de gênero atrelado às representações de loucura, deparamo-nos com um abismo maior ainda.

Centradas nessa lacuna, o tema central do estudo é a aproximação entre gênero e loucura nas representações trazidas pela série *Spin Out*, com o intuito de responder à seguinte pergunta: a forma como a série expõe os sintomas e as características da doença nas mulheres apresentadas reproduz estereótipos potencialmente problemáticos?

Voltando-nos ao nosso objeto de pesquisa, a série *Spin Out* (em inglês, *Spinning Out*), a narrativa nos leva a conhecer as experiências das personagens mãe e filha Carol e Kat na convivência trágica com o Transtorno Afetivo Bipolar, “uma doença crônica, grave que tem uma prevalência estimada entre 1% e 1,6% da população geral”. (NERY-FERNANDES; MIRANDA-SCIPPA, 2013, p.220) Para ambientar a série ao contexto da saúde mental, as personagens usam termos comumente associados à doença, nomes de medicamentos, de sintomas e rotulam comportamentos supostamente típicos. Além disso, o grande enredo da narrativa apresenta a progressão de crises tanto em Kat como em Carol, mostrando representações visuais múltiplas que culminam no epítome do transtorno: o surto.

Como objetivos norteadores da pesquisa, almejamos estudar a representação do TAB (Transtorno Afetivo Bipolar) nas personagens e confrontá-las com estereótipos de gênero na busca por entender em que medida essas representações reforçam uma visão estigmatizada de mulheres pacientes de saúde mental. Como trajetória empírica, propomos a Análise de Imagem em Movimento (ROSE, 2002) de cenas da série e entrevistas semi-estruturadas com profissionais de saúde mental da Enfermaria Psiquiátrica do Hospital Universitário do estado de Sergipe, um psiquiatra e dois psicólogos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Começamos nossa discussão entendendo gênero e adoecimento mental como possíveis interseccionalidades. Marcela Lagarde (2005) faz parte da nossa construção teórica ao compreender a loucura como um dos espaços simbólicos de aprisionamento da mulher. A autora entende que “A loucura também é um dos espaços culturais que vêm da realização e transgressão da feminilidade. Mulheres enlouquecem de tão mulheres que são, e também enlouquecem porque não podem sê-lo plenamente, ou para não ser-lo.”⁴ (2005, p.40)

Para Lagarde, existem cinco categorias de mulheres consideradas cativas da estrutura patriarcal: mães/esposas, monjas (pode-se traduzir para santas), prostitutas, prisioneiras e loucas. Examinando como os pilares patriarcais, religiosos e sociais podam a liberdade e autonomia das mulheres, a autora vai a fundo nas questões relacionadas à loucura, entendendo-a como uma transgressão à feminilidade. Ela pontua, ainda, como as mulheres são historicamente confinadas aos papéis de maternidade, celibato, exploração sexual, aprisionamento e medicalização da loucura.

Ainda sobre o tema, Maoski (2020) defende que adoecer-se também por ser mulher. A autora acompanha a linha do tempo desde a adoção da medicina enquanto campo científico até a disciplinarização dos corpos, perpassando pela patologização de comportamentos por meio da psiquiatria.

Há na história da psiquiatria, ao menos duas vertentes que versam sobre possíveis explicações para o adoecimento específico da mente feminina - sendo uma delas ligada à biologia, segundo a qual “no organismo da mulher, na sua fisiologia específica estariam inscritas as predisposições à doença mental” (ENGEL, 2004, p. 271), e outra de perfil sócio histórico, na qual os sintomas são mediados e criados pela/na cultura e a sua interpretação nos leva “a uma leitura das causas sociais, inclusive as relações de gênero implicadas” (ZANELLO, 2014, p. 41) no processo de classificação e tratamento dos transtornos mentais.
(MAOSKI, (2020, p.27)

Com base na problematização apresentada, partimos para o entendimento sobre representação e estereótipos, na busca por compreender em que medida a série estudada propõe uma representação responsável e livre de estigmas que aprisionam as mulheres.

⁴ Texto original: La locura es también uno de los espacios culturales que devienen del cumplimiento y de la transgresión de la feminidad. Las mujeres enloquecen de tan mujeres que son, y enloquecen también porque no pueden serlo plenamente, o para no serlo. La locura genérica de las mujeres emerge de su sexualidad y de su relación con los otros.

Para Stuart Hall (2016), a construção e consolidação dos estereótipos são pautadas por três aspectos que ocorrem em momentos distintos: primeiro “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença” (2016, p. 191). Em seguida, ela estabelece “uma estratégia de ‘cisão’, que divide o normal e o aceitável do anormal e inaceitável” (2016, p. 191). Por último, “fixa os limites e exclui tudo o que não lhe pertence” (2016, p. 192). Assim, pode-se entender o estereótipo como ferramenta de exclusão social e construção limitada do imaginário popular sobre o marcador de gênero associado à saúde mental.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Como percurso metodológico, optamos pela Análise de Imagens em Movimento, proposto por Diana Rose (2002). A justificativa para essa escolha é autoexplicativa: o método foi desenvolvido para analisar a representação da loucura na televisão britânica. Assim, trata-se tanto de um fenômeno audiovisual, quanto de uma análise sobre saúde mental: dois aspectos que contemplam o presente trabalho. Seguindo as etapas propostas por Rose - seleção, transcrição e tabulação -, apresentamos os caminhos da pesquisa: 25 cenas analisadas, criteriosamente selecionadas a partir da representação da doença ou menção direta a ela pelas personagens protagonistas. Como ambas são apresentadas como mulheres pacientes de saúde mental, e a relação entre elas, sobretudo quando mencionam o transtorno, é bastante problemática, tanto Kat quanto Carol são alvos da nossa análise. Em seguida, transcrevemos cada cena e as tabulamos em cinco categorias percebidas e compiladas na pré-análise: *relação com medicamento, sugestão a episódios de crise, relação entre mãe e filha, automutilação e pedidos de ajuda*. Por fim, interpretamos o que foi observado em cada cena e contrastamos com o olhar de profissionais da saúde mental sobre todo o compilado de cenas. Portanto, para além da Análise de Imagens em Movimento, foram conduzidas entrevistas semi estruturadas. A tabela 1 mostra onde se localiza o corpus da pesquisa.



Figura 1: diagrama que explica onde está situado o corpus de análise dentro da série

Como apresentado, dividimos nossa análise em cinco eixos categóricos associados à representação das personagens mulheres e à saúde mental, especificamente o Transtorno Bipolar. A seguir, apresentamos as análises obtidas em cada um dos cinco eixos, resumidamente, considerando os limites impostos para este artigo.

4. ANÁLISE E PRINCIPAIS RESULTADOS

O primeiro eixo reúne as cenas que abordam a relação das personagens com o uso de medicamentos. prontamente pode-se perceber uma diferença gritante entre as formas como Kat e Carol lidam com o medicamento. Enquanto, para Kat, a medicação seria uma forma de evitar se tornar como a mãe, e, portanto, a paciente a princípio parece aceitar se medicar, Carol parece ponderar sobre seu uso desde o começo. O que acontece com o passar das cenas, no entanto, é uma inversão de papéis, quando Kat pausa os medicamentos e Carol começa a tomá-los regradamente. De modo geral, para os profissionais entrevistados, as cenas do eixo 1 parecem factíveis, mas pontuam que não existe uma verdade única quando observamos o comportamento de pacientes frente a um transtorno mental. O grande problema notado pelos entrevistados, bem como na

análise prévia, foi o entendimento de que a medicalização é a fonte única de bem estar e apaziguamento dos sintomas do transtorno, quando a realidade é diferente. Um ponto interessante trazido pelos entrevistados é a percepção de que os pacientes realmente tendem a interromper, sem autorização, diversos medicamentos devido aos efeitos colaterais, como o ganho de peso. A ausência dessa representação, posto que se trata de duas mulheres magras e atléticas, foi notada pelos profissionais. Essas questões se associam diretamente a aspectos marcados pelo gênero feminino, tanto concernente à manutenção da forma física, quanto ao descontrole do uso de medicamentos.

O segundo eixo, por sua vez, abarca os episódios de crise. Muitas cenas que supostamente representam um episódio de mania - quadro clínico caracterizado pela superexcitação dentro do TAB - foram consideradas pouco ou nada realistas. Em muitos momentos, foi notada pelos profissionais uma representação altamente dramatizada e ensaiada que mais se enquadraria num episódio grave de surto da Esquizofrenia. Assim, percebe-se que a série falhou na representação daquele que talvez seja o momento mais sensível e vulnerabilizante da doença: as crises. Trazendo à luz a nomenclatura da Histeria, estudada por Foucault (1978) e entendida pelo autor como um reforço às normas de gênero, visualizamos em determinadas representações do segundo eixo comportamentos que reforçam esse estereótipo.

Partindo para o terceiro eixo, que trata da relação entre mãe (Carol) e filha (Kat), a mãe é quem chama mais a atenção dos profissionais entrevistados. Algumas características da personagem a fazem parecer ter um outro tipo de transtorno, que não o Bipolar, e, em análise, continuam aproximando a personagem da ideia de histeria. Com base nas análises e nas entrevistas, observamos que o estado de histeria associado à mulher extrapola a doença em si e norteia qualquer representação de transtorno mental. Ademais, a série sugere que o afastamento entre as personagens seria benéfico por uma questão de saúde mental, no entanto, isso não é uma realidade comprovada. É importante salientar que ambas as personagens entram em crise por conta do tratamento indevido no decorrer da série, o que contribui para o tensionamento entre elas. Os profissionais abordados comentam que isso parece fidedigno, mas apenas quando o tratamento não é realizado corretamente.

O eixo de número quatro fala sobre automutilação. Uma das personagens, Kat, em momentos de grande estresse e mesmo fazendo uso de seu medicamento, acaba mordendo o braço. A cena se repete algumas vezes durante a série. É entendido, por meio das entrevistas, que a automutilação não é uma característica específica do paciente bipolar, mas pode acontecer. Confrontamos o que foi dito com o estudo conduzido por GIUSTI (2013) e visualizamos que, de fato, a automutilação acontece com cerca de 10% dos pacientes do transtorno analisado, um índice mais baixo que em outras doenças. No que concerne ao marcador de gênero, Cedaro e Nascimento (2013, p.205) afirmam que “trabalhos acadêmicos recentes mostram que a prática da automutilação acontece em diferentes faixas etárias, porém se revela mais frequente entre adolescentes, sobretudo do gênero feminino”. Portanto, nesse sentido, a representação da série poderia ser coerente com a realidade, posto que Kat, personagem que se automutila, é uma jovem adulta.

Nosso último eixo é o de pedidos de ajuda. O fato de esse ser um eixo bastante curto em quantidade de cenas é, por si só, alvo de análise. As personagens poucas vezes solicitam ajuda ou recorrem a suas redes de apoio. Para um dos entrevistados, fala-se muito sobre o uso do medicamento, mas pouco ou nada sobre outras intervenções terapêuticas como a psicoterapia, por exemplo. Essa ausência, em termos analíticos, suprime possíveis associações positivas que se podem fazer ao transtorno, sobretudo na condição de mulheres acometidas por ele. Ademais, a solidão é repetidas vezes apresentada como inerente à doença quando Carol diz à filha que ambas são “lobos solitários”.

5. CONCLUSÃO

Em termos conclusivos, notamos que a série Spin Out cria representações cientificamente coerentes com a realidade de pacientes acometidos pelo transtorno, sobretudo nos eixos 1 e 4 (sugestão a episódios de crise e automutilação). Todavia, a produção audiovisual se equivoca em representações de momentos mais vulneráveis (eixos 2 e 3) aqueles que, de fato, buscam traduzir visualmente o que é a doença. Em certos momentos, as representações de crises das personagens Kat e Carol remetem ao imaginário de histeria que associa mulheres à loucura de forma patologizante e degradante. Além disso, um último fator de preocupação foi a ausência de pedidos de

ajuda (eixo 5), que coloca as mulheres da série na posição de solidão e inexistência de uma rede de apoio, que as fada para o fracasso e para o movimento cíclico de crises. Por fim, pontuamos a relevância de produções audiovisuais que busquem representar de modo responsável transtornos de saúde mental, desassociando de personagens femininas estigmas alicerçados na “loucura” que as aprisionam simbolicamente.

REFERÊNCIAS

CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. **Dor e gozo: relato de mulheres jovens sobre automutilações.** Revista Psicologia São Paulo: 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/QV3pD3ctWG9jzsZSgg6n9WP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02 de maio, 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

GIUSTI, J. S. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo.** 2013. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/pt-br.php> Acesso em: 05 de fevereiro, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: Apicuri, 2016.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, M. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. Disponível em: <https://desarmandolacultura.files.wordpress.com/2018/04/lagarde-marcela-los-cautiverios-de-las-mujeres-scan.pdf> Acesso em: 10 de janeiro, 2024.

MAOSKI, A. C. **Entre o melodrama e a loucura: telenovelas brasileiras e a representação do encarceramento feminino em hospitais psiquiátricos.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020.

NERY-FERNANDES, F.; MIRANDA-SCIPPA, A. **Comportamento Suicida No Transtorno Afetivo Bipolar E Características Sociodemográficas, Clínicas E Neuroanatômicas**

Associadas. Revista De Psiquiatria Clínica, 2013, vol.40, n.6, pp220- 24. Disponível em: 92 <https://www.scielo.br/j/rpc/a/7MDMYgWmZ6ftThV9KWfsRKC/?lang=en>. Acesso em 18 de novembro, 2021.

ROSE. D. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. (org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.